

Aprendendo a ler lá no fundo do quintal

Fotos: Elson Soares

Vânia Rodrigues

As escolas de fundo de quintal, consideradas pelos pais como um local seguro para deixar seus filhos enquanto trabalham, aumentaram significativamente este ano, principalmente nas satélites que têm poucos colégios com cursos maternal, jardim e pré-escolar, como Ceilândia, Taguatinga e Guará. Essas escolas estão funcionando sem a autorização da Secretaria de Educação e dividem, de forma improvisada, o mesmo espaço com alunos e família. Os seus profissionais nem sempre são habilitados para as funções que desempenham e sequer aplicam qualquer metodologia pedagógica para a alfabetização das crianças.

A diretora do Departamento de Inspeção de Ensino (DIE) da Secretaria de Educação, Matilde Rosa de Freitas, afirma, entretanto, que nenhuma escola pode funcionar sem autorização, mas admite que a Secretaria está impotente diante do grande número de estabelecimentos irregulares em funcionamento. Matilde explica que não dispõe de recursos humanos para fiscalizar todas as escolas do DF. "A legislação também não nos dá poderes para fechar imediatamente as escolas clandestinas, exigindo relatórios e pareceres do Conselho de Educação. Isso leva tempo, permitindo que elas continuem funcionando de forma irregular até o parecer final".

Não existe um número oficial de escolas de fundo de quintal. Os dados de que o Departamento de Inspeção de Ensino dispõe apontam para a existência de 162 escolas regularizadas e nove em processo de legalização. Entretanto, o Sindicato dos Professores (Sinpro) tem 197 escolas sindicalizadas e só 124 são filiadas ao Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino (Sinepe). Por estes números pode-se afirmar que pelo menos 26 escolas estão funcionando sem autorização da Secretaria de Educação.

Riscos

Matilde alerta para os riscos das escolas de fundo de quintal na educação das crianças. Segundo ela, nenhum conteúdo pedagógico ministrado nestes estabelecimentos tem validade. "Não é só pré-escolar que funciona em fundo de quintal. Algumas escolas oferecem o 1º e 2º graus, mas quando os alunos são transferidos para os colégios autorizados não são consideradas válidas as menções ou as séries cursadas. Por isso, é necessário que os pais se certifiquem — antes de fazer a matrícula do seu filho — se a escola é reconhecida pela Secretaria de Educação". Matilde lembra ainda que pedagogicamente estes estabelecimentos podem causar danos ao aproveitamento do aluno, "pois não se sabe que tipo de ensino está sendo ministrado".

Ari Nogueira, da direção do Sindicato dos Professores, acusa este tipo de escola de trazer prejuízos enormes para a educação dos alunos. Para ele, a qualidade pedagógica dessas escolas é duvidosa,



O "Cantinho do Saber" não deu certo e 40 alunos correm o risco de ficar sem estudar. O espaço é dividido com a família e os brinquedos servem de varal de roupas



porque utilizam mão-de-obra barata, contratando professores recém-formados ou estudantes do curso normal. "Isto quando contratam, porque na maioria delas quem ministra as aulas são mães, filhas e irmãs e, geralmente, apenas uma delas tem habilitação profissional para este fim".

Ari defende que a escola não seja "um depósito de crianças" para resolver o problema dos pais que precisam trabalhar. Segundo ele, estes estabelecimentos não credenciados estão atuando exatamente nas séries iniciais do processo educacional. "Começando de forma caótica, estas crianças terão problemas ao longo de sua vida estudantil". Ari explicou ainda que conhece casos de alunos que até odeiam a escola porque iniciaram mal o processo de aprendizagem.

Serviço Social

O vice-presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino (Sinepe), Osvaldo Saenger, tem opinião contrária. Mesmo reconhecendo que estas escolas de fundo de quintal não oferecem uma boa qualidade de ensino, estes colégios estão atuando mais como um serviço à população do que como estabelecimento educacional.

"Enquanto são pequenas, não vejo nenhum obstáculo para que funcionem sem autorização da Secretaria, pois esses estabelecimentos nem sempre têm as mesmas características das escolas formais". Segundo Osvaldo, a fase que antecede à alfabetização não atrapalha o processo educacional. Ele argumenta que as crianças ficam nessas escolas enquanto os pais trabalham e estão pelo menos em segurança e ainda recebem algum tipo de educação. "Não podemos fugir da realidade do Brasil. Sabemos que pelo menos oito milhões de crianças entre 7 e 14 anos estão fora da escola, além de 200 milhões de crianças de 4 a 6 anos", afirma.

Crianças podem perder "Cantinho"

Com duas salas improvisadas, um banheiro adaptado e um quintal, onde o parquinho de recreação serve também de varal, a escolinha "Cantinho do Saber", na Ceilândia Centro, vem atuando clandestinamente desde o início deste ano. A proprietária, Alzenir de Barros, não tem o curso normal, nunca foi professora, mas achou a ideia interessante, já que em sua quadra funcionam cinco escolas do mesmo tipo, sendo que a maioria delas foi inaugurada este ano. Alzenir convidou uma amiga, que é professora, e formou uma sociedade. A escola atende 40 crianças em duas turmas, uma de jardim e a outra de pré-escolar, além de alguns alunos que precisam de reforço nas quatro primeiras séries do 1º grau.

Mas a escolinha, segundo Alzenir, não deu certo e os 40 alunos correm o risco de ficar sem estudar porque ela está pensando em fechar o estabelecimento na próxima semana. "A minha sócia já desistiu e, como não tenho curso normal, não me sinto capacitada para continuar ensinando aos alunos. Não vejo outra saída que não seja fechar a escola". Alzenir comenta que este tipo de empreendimento não visa só lucro, mesmo porque o preço da mensalidade é apenas NCz\$ 7,00.

Autorização

Já Olga Maria Senna Cruz, professora da Fundação Educacional há 18 anos, nem pensa em fechar a sua escolinha que funciona na mesma quadra há dois anos e recebe os alunos mesmo sem autorização da Secretaria de Educação. Olga comenta que está regularizando a sua situação. Ela deu entrada, este ano, no pedido de legalização, mas até a semana passada ainda não havia recebido o parecer favorável da Secretaria. "Comecei com poucos alunos, no fundo do



Alzenir nunca foi professora

quintal. Agora a situação se inverte, estou morando nos fundos e transformei a casa em escola".

Olga contesta as acusações de que as escolas de fundo de quintal estão atuando fora dos padrões pedagógicos dos estabelecimentos de ensino maiores. "Procuramos seguir a mesma metodologia. Aqui as crianças têm disciplina, seguem um horário e um planejamento de estudos. A diferença é que as crianças ficam um pouco mais livres, até mesmo pelo próprio espaço físico, que é diferente das escolas maiores". Olga afirma também que as escolas de fundo de quintal não es-

tão desinformando os estudantes ou criando vícios que possam trazer prejuízos para a seqüência dos estudos desses alunos.

Junto com Olga, as suas duas filhas também atuam na escolinha. Olga afirma, no entanto, que apenas a que tem curso de pedagogia dá aulas. A outra trabalha como auxiliar. "Depois de 18 anos de Fundação Educacional eu seria uma louca se abrisse uma escola visando apenas lucro e prejudicando os alunos. A minha mensalidade é apenas NCz\$ 13,00, o que significa que não estou ficando milionária", brinca a proprietária.

Método

A proprietária da Escola Espaço Livre, na Ceilândia, Fátima Santana, conta que até o ano passado mantinha o seu estabelecimento irregular. Fátima afirma que não há prejuízos pedagógicos neste tipo de educação, ministrada em pequenas escolas. "Sou pedagoga e assistente social e não teria sentido abrir uma unidade de ensino visando apenas lucro, e causando a desinformação do aluno". Fátima assegura que está preocupada com a qualidade de ensino, mas acredita que as escolas precisam começar primeiro na prática para depois serem regulamentadas no papel.

Na Espaço Livre, é utilizado o "método natural", que não é muito usual nas escolas maiores. Fátima explica que este método não pode ser usado em salas com muitos alunos, por isso ele é mais empregado nas escolas de fundo de quintal. "Aqui temos condições de assistir individualmente cada aluno e aproveitar todo o conhecimento que ele já tem. Não vejo nenhum mal neste procedimento, e qualquer aluno que sair daqui terá condições de acompanhar o ensino em qualquer colégio".

Pais questionam novos métodos

Os métodos utilizados pelas escolas de fundo de quintal nem sempre satisfazem os pais e alguns estão começando a transferir os seus filhos destes estabelecimentos. É o caso, por exemplo, da Valéria Vieira, que só vai deixar seu filho Humberto Júnior no colégio até o mês de junho. "Eles querem criar métodos modernos inventando fórmulas novas que não funcionam", afirma.

Segundo Valéria, Humberto está desaprendendo tudo o que assimilou durante o período que estudou em colégio maior. Essa história de método natural deixa a criança preguiçosa. Elas só querem falar e brincar, sem realmente se interessarem em aprender a ler e escrever". Valéria explica que preferiu colocar seu filho em uma escola de fundo de quintal porque ficava mais próxima da sua residência e, além de ter aumentado esse ano o número desse tipo de colégio. "Pelo tanto de escolas que foram abertas, acreditei que elas fossem melhores, mas infelizmente não dei sorte", lamenta.

Maria Cristina Fonseca também não está satisfeita com escolinha do seu filho. "O que achei que seria uma solução, não deu certo, pois não estou vendo o Ricardo aprender nada. Ele passa o tempo todo brincando ou ouvindo historinhas". Maria Cristina disse que está procurando um outro colégio para Ricardo, e vai transferi-lo até o mês de junho. "Não deve ser muito difícil, pois aqui na minha quadra há pelo menos três. Mas se todas elas ensinarem pelo método natural o jeito será colocá-lo em uma escola maior".

Já Maria de Lourdes Ribeiro está satisfeita com a escola de fundo de quintal. "Não tenho do que reclamar, Mariana fica bem cuidada enquanto trabalho".